

# A CONSTRUÇÃO DA LEITURA REFLEXIVA ATRAVÉS DA ANÁLISE DO GÊNERO TEXTUAL NOTÍCIA

Diana Ingrid Porto Fontes

Dominice Santos Souza

Juliana da Costa Santos

## RESUMO

Este artigo é uma análise sobre o gênero notícia, sobretudo a que é veiculada através de revistas. Foram selecionadas reportagens das revistas VEJA, ISTOÉ e ÉPOCA, no período do mês de Abril de 2010, com os objetivos de compará-las e discutir como elas abordam um mesmo assunto, fato ou evento comunicativo. Com isso, busca-se ampliar o conhecimento sobre o gênero midiático, mostrando como a publicação de notícias passa pela supervisão e “manipulação” dos editores e/ou empresas a que estão veiculadas as revistas, e que resultam desde leituras antecipadas para o leitor, feitas de acordo com as ideologias daqueles que escrevem as notícias até alterações nas “declarações” feitas por alguém e que são veiculadas como transcrições literais. A importância desta análise gira em torno de questões como a construção de uma prática de leitura crítica e reflexiva, um dos importantes papéis que a escola deve desempenhar, mostrando que há a abordagem tendenciosa de notícias, que visa manipular a opinião do leitor sobre os mais diversos acontecimentos. Buscou-se embasamento teórico nos estudos, principalmente de Marcuschi, Pedrosa e Koch.

## PALAVRAS-CHAVE

Leitura crítica e reflexiva, manipulação, notícia, revistas.

## ABSTRACT

This article is an analysis of the news genre, which is mainly transmitted through magazines. We selected articles from the magazines VEJA, ISTOÉ e ÉPOCA, for the period of April 2010, aiming to compare them and discuss how they address the same subject, fact or event communication. Thus, we seek to expand knowledge of the genre media, showing how the publication of news is the oversight and "manipulation" of editors and / or businesses that are conveyed to magazines, and which result from early readings for the reader, made according to the ideologies of those who write the news to change the "statements" made by someone and are conveyed as verbatim transcripts. The importance of this analysis revolves around issues such as building a practice of critical reading and reflection, one of the important roles that schools should play, showing that there is a biased approach to

news, which aims to manipulate the reader's opinion about the most various events. We tried to theoretical studies, mainly Marcuschi, Pedrosa and Koch.

## **KEYWORDS**

Critical reading and reflective, manipulation, news, magazine.

## **INTRODUÇÃO**

Diante do complexo fenômeno da globalização, estamos vivenciando um momento de grandes transformações, que acontecem cada vez mais rapidamente, nos diversos segmentos da sociedade, principalmente no que diz respeito às Tecnologias da Informação e da Comunicação - TIC. Podemos, assim, chamar o momento atual de era da informação, já que temos um enorme acesso a ela, devido aos diversos avanços pelos quais tem passado a sociedade, neste momento em que a globalização consegue interferir em todas as estruturas sociais.

No entanto, devido ao fato de haver, atualmente, um acesso maior à informação, que se estabelece de todas as maneiras possíveis, nem sempre se consegue transformar essa informação em conhecimento. Neste contexto, torna-se necessário analisar mais criticamente o conteúdo das informações que são veiculadas diariamente. É o que explica Sancho (2006, p.18):

A maioria das pessoas que vive no mundo tecnologicamente desenvolvido tem um acesso sem precedentes à informação; isso não significa que disponha de habilidade e do saber necessários para convertê-los em conhecimento.

O fato de as TIC (tecnologias de informação e comunicação) estarem transformando diversos setores da sociedade suscita a necessidade de análise das implicações desse processo, uma vez que os efeitos percebidos nem sempre acontecem de maneira positiva. Um exemplo está na mídia, já que ela utiliza uma linguagem que atende prioritariamente a seus objetivos, seja para atrair a atenção do leitor ou mesmo para transmitir uma visão de mundo, ora do responsável pela edição das notícias ora de empresas maiores que orientam aquilo que deve ou não ser veiculado.

É sob esse prisma que o presente artigo deseja trabalhar, lançando um olhar reflexivo sobre as informações transmitidas pela mídia impressa e online. Para tal, analisaremos, semântica e linguisticamente, como uma mesma notícia ou evento comunicativo é veiculado através de três das mais importantes revistas do país.

A metodologia utilizada é de natureza bibliográfica e online. Exemplos de notícias e reportagens serão utilizados para mostrar os diversos enfoques dados a um mesmo evento comunicativo, analisando sempre em quais níveis se deram as mudanças: lexicais, sintáticos, pragmáticos, ideológicos etc., e quais os objetivos por trás dessas mudanças.

A abordagem que faremos pretende ser útil, principalmente aos educadores, já que somos responsáveis por alertar os alunos sobre os “perigos” referentes à má interpretação, provenientes de olhares desatentos em relação ao tratamento dado à informação pela mídia, o que implica trabalharmos com a formação de leitores críticos, capazes de compreender os significados implícitos que cada discurso carrega.

Numa era da informação, os meios educativos se multiplicaram impregnando toda a cultura. A informação está generalizada e a cultura dominante em todas as esferas da vida social tornou-se perigosamente midiática (OROFINO, 2006, p.22).

Esse alerta de Orofino reforça a questão da relevância desta pesquisa, que se propõe a analisar a linguagem midiática, devido ao significativo lugar que ela ocupa na cultura de nosso tempo. Assim, pretendemos ressaltar a importância da escola, já que esta deve trabalhar os conteúdos associados à realidade do aluno, que se encontra, como destacamos, culturalmente ligado à mídia. Para a realização desta análise, buscamos embasamento, principalmente, nas ideias dos seguintes teóricos: Grinspun (2001), Moran (2006), Koch (2006), Orofino (2006) e Pedrosa (2008). Também buscamos suporte nos documentos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa.

## **A ESCOLA E A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO**

Entender um enunciado não está ligado apenas ao uso de dicionário e de uma gramática, mas implica elaborar saberes, hipóteses, raciocinar, construir sentido para o texto, ou seja, interpretá-lo. Portanto, a escola deve desempenhar o importante papel de orientar o aluno no sentido de que ele precisa estar atento às intenções ‘embutidas’ na linguagem midiática e à suposta “neutralidade” do jornalismo e “imparcialidade” na abordagem dos fatos. Nesta direção, apontam os PCNS:

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreende o que lê: que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos (PCNS, 1998, p.54).

Utilizamos a leitura em vários locais e com diversas finalidades em nossas vidas: na escola, no lazer, no trabalho. É necessário, pois, explorá-la, para que desperte o senso crítico do aluno e deixe de ser encarada como atividade sem significado para o aprendiz. Dessa forma, a prática de leitura crítica leva-nos a melhor compreender o mundo e a melhorarmos nossa maneira de nele atuar como cidadãos.

A formação do leitor crítico inicia-se no âmbito escolar e desenvolve-se em longo prazo, uma vez que formar um leitor crítico não depende só de impor para ele a leitura, mas sim de praticar constantemente a leitura dos vários textos e extrair deles os seus significados. Ou seja, é importante que a leitura se constitua como uma prática social de diferentes funções e que os aprendizes/leitores percebam que precisam ler não somente para aprender vocabulário e gramática, mas para se comunicarem, adquirirem conhecimentos e ampliarem os horizontes em relação ao mundo.

Um fator importante a ser destacado é que se faz necessário que o aluno entre em contato com vários gêneros textuais que circulam socialmente, para adquirir autonomia e saber escolher os que se adaptam a seu gosto ou as suas necessidades. Convém ressaltar aqui a diferença entre tipos textuais e gêneros textuais, devido à frequente confusão que se estabeleceu em relação a esses dois conceitos. Segundo Marcuschi (2008,p.155):

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições

funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas.

São inúmeros os gêneros textuais: artigos científicos, de jornais e revistas, editoriais, cartas, bilhetes, bula de remédio, receita culinária, prontuário de hospitais, cardápio de restaurante, lista de compras, poema, piada, e-mail etc. A lista, de acordo com o mesmo autor, é infindável. Já o tipo textual “caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados” (Ibid., p. 154). De acordo com ele, as categorias textuais são: descrição, injunção, argumentação, exposição e narração.

Em relação aos textos a serem trabalhados em sala de aula, é importante proporcionar aos educandos diversificadas situações nas quais a leitura esteja em foco, pois se aprende a ler lendo e a interpretar o que se leu, interpretando. No entanto, para que isso ocorra, ler é uma habilidade que implica desenvolvimento de estratégias e, segundo KOCH (2006, p. 57):

(...) a leitura é uma atividade altamente complexa de produção de sentidos que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes.

Tendo em vista a diversidade de textos a que a sociedade tem acesso atualmente, especialmente aqueles provindos da mídia, tanto impressa, quanto online, cada leitor os lerá atribuindo a eles um significado de acordo com seus conhecimentos de mundo. “Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente” (PCNs, 2003, p.54).

À medida que lemos, formamos diferentes interpretações a partir de um mesmo conteúdo, e isso se dá devido ao fato de que cada leitor tem experiência de vida e conhecimento prévios, o que acrescentará diferentes interpretações aos textos. Assim, podemos afirmar, não só que a prática da leitura desenvolve a compreensão de outros textos, mas também que o leitor interage com o que lê,

retirando informações e construindo sua interpretação de acordo com suas vivências e conhecimentos textuais.

Por isso, entendemos ser de extremo valor trazer para a sala de aula a prática de análise da linguagem midiática para ajudar na formação crítica do leitor, já que hoje a mídia ocupa um lugar de destaque na nossa sociedade, seja devido ao grande número de informações que ela nos traz, seja devido ao acesso cada dia maior que temos a ela, de forma impressa ou virtual.

## **A LINGUAGEM MIDIÁTICA E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO**

A linguagem midiática pode ser de imensa contribuição para que o aluno, desde cedo, possa aprender os significados que estão implícitos em cada texto e com que intenção eles foram escritos, compreendendo a relação entre os discursos veiculados pelas diferentes mídias. Através da leitura e compreensão desses textos, o aluno poderá compreender também a realidade em que vive.

Para que o aluno leitor possa compreender os significados implícitos de um texto, primeiro ele precisa conhecer quais os mecanismos utilizados para a construção de sentido do texto. Na concepção interacional da língua, o sentido de um texto é construído através da relação autor-texto-leitor (KOCH, 2006). Nessa perspectiva, o leitor construirá o significado para o texto, a partir não só do seu conhecimento linguístico, mas do levantamento de hipóteses, do preenchimento dos vazios do texto, já que, como afirma KOCH (2006) “Todo o texto carrega uma gama de implícitos”.

Estando isso claro para o educador, seja ele de qualquer área de ensino, espera-se que ele ajude o leitor a dar significado ao que lê, processando, criticando, analisando as informações contidas no texto, pois são os objetivos do leitor, durante a leitura, que determinarão o modo como essa leitura será feita. Deve-se falar, então, de **um** sentido para o texto, não **do** sentido do texto, o que dá uma ideia de algo único, visto que o significado de cada texto não é fixo, mas varia dependendo das experiências, dos valores e dos conhecimentos de cada leitor. Entretanto, é preciso atentar para o fato de que o leitor não pode ler qualquer coisa do texto, já que o sentido deste está na relação autor-texto-leitor.

Assim, o leitor, em sua interação com o texto, precisará utilizar certas estratégias de leitura para depreender os significados implícitos e explícitos de determinados textos. KOCH (2002) afirma que recorreremos a três grandes conhecimentos para o processamento do texto: conhecimento linguístico (abrangendo o conhecimento lexical e gramatical), o conhecimento de mundo (relacionado às vivências do leitor) e o conhecimento interacional (refere-se às formas de interação por meio da linguagem).

Além desses conhecimentos, é preciso também levar em consideração o contexto, já que ele contribui para, ou determina a construção de sentido. A análise do contexto tanto pode preencher as lacunas que faltam em um texto, quanto pode alterar o que se diz, transpondo uma frase de um contexto para outro. Podemos exemplificar a questão do contexto com uma frase de Caetano Veloso que foi publicada pela revista *Tudo* (21/12/2001, retrospectiva): “*Ele é bonito e tem cara de gente da minha família!*” **Caetano Veloso**, cantor, sobre o terrorista Osama bin Laden.

À primeira vista, poderia parecer que o cantor Caetano Veloso tem simpatia ou até mesmo gosta do terrorista, mas o que acontece é uma brincadeira que ele faz sobre o fato de ele parecer com o terrorista. Percebe-se, assim, que o contexto é muito importante na interpretação de qualquer discurso. Utilizaremos, para maior compreensão, a definição de contexto proposta por DIJK apud KOCH (2006, p.73): “o conjunto de todas as propriedades da situação social que são sistematicamente relevantes para a produção, compreensão ou funcionamento do discurso e de suas estruturas”.

Quando nos referimos à comunicação linguística, nunca se sabe se o enunciado deve mesmo ser tomado ou não ao pé da letra, pois o enunciado é assimétrico, ou seja, quem o interpreta refaz seu próprio sentindo a partir das indicações presentes nele, o que não garante ser igual ao representado pelo enunciador. Por exemplo, geralmente as frases possuem marcas de tempo, de pessoa e encontram-se inseridas nos textos, porém não é o conhecimento da gramática e do léxico da língua que permite interpretar corretamente o enunciado, pois a maioria deles possui marcas que os ancoram diretamente na situação de enunciação.

Existem enunciados que ocorrem fora de qualquer contexto, mas é ilusão acreditar que os mesmos podem ser interpretados, porque para determinar qualquer sentido deve-se mobilizar regras, as quais denominamos de pragmáticas (“A pragmática estuda os usos situados da língua e lida com certos tipos de efeitos intencionais” – CANÇADO, 2008). É preciso recorrer aos procedimentos pragmáticos ligados ao contexto, uma vez que o conhecimento da língua não é suficiente para interpretar um enunciado (MAINGUENEAU, 2005).

Uma interpretação varia de acordo com cada indivíduo, no entanto eles interagem para produzir tais interpretações, cada um com suas estratégias, para assim se chegar a uma compreensão. Daí a importância das leis do discurso, que desempenham um papel importante no processo de interpretação dos enunciados e precisam ser adequados ao contexto em que se passa a informação, oferecendo dados ao destinatário que modifiquem a situação interpretativa.

Outro conceito importante é a noção de intertextualidade, já que, como preconizam os PCNs, o leitor deverá ser capaz de relacionar o que lê com outros textos já lidos. O repertório de leitura é fator determinante na identificação da presença de outros textos, que podem ser retomados de forma explícita ou implícita. Nessa concepção de intertextualidade implícita, podemos considerar a manipulação que o editor (no caso da mídia) opera sobre o texto, tanto seu quanto de outro, com o fim de produzir determinados efeitos de sentido.

Sobre o texto podemos afirmar, ainda, que todos pertencem a um gênero textual, que na prática todos nós usamos, quer na linguagem oral ou na falada, independente de conhecermos a teoria. Isso porque sabemos que para cada evento comunicativo existe uma estrutura padrão que seguimos naturalmente, por exemplo, sabemos que um recado é diferente de um anúncio, de uma carta, de um pedido etc.

Os gêneros textuais são formas de facilitar aos usuários da língua materna, o entendimento da realidade e de que é possível revelar argumentos críticos com planejamento para agir sobre o contexto social. Esses gêneros surgem das necessidades e atividades sócio-culturais com grande influência das inovações tecnológicas, como é o caso dos suportes de comunicação (rádio, televisão, jornal, internet, revista), que por terem uma presença marcante nas atividades comunicativas, vão propiciando e abrigando novos gêneros (PEDROSA, 2008).

O gênero pode ser determinado pela forma, função, suporte ou ambiente em que os textos aparecem, privilegiando a natureza funcional e interativa da língua, já o tipo textual se preocupa com o aspecto formal e estrutural. A noção de gênero textual está expressa em BACKTIN (1992, p.302):

Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo de fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível.

Os gêneros, então, são práticas sócio-comunicativas, que permitem que possamos reconhecê-los e utilizá-los sempre que for preciso. No entanto, conforme ressalta MARCUSCHI (2008), os gêneros não devem ser confundidos com tipos de texto, já que estes são designados como narrativos, descritivos, argumentativos, expositivos ou injuntivos, conforme já explicado anteriormente. Em um gênero, por exemplo, pode haver a presença de vários tipos de texto. KOCH (2006, p.122) fala da importância da contribuição do estudo dos gêneros textuais para o ensino de leitura, afirmando que:

(...) somente quando dominarem os gêneros mais correntes na vida cotidiana, nossos alunos serão capazes de perceber o jogo que frequentemente se faz por meio de manobras discursivas que pressupõe esse domínio.

Assim, os leitores devem compreender que os textos são produzidos de acordo com finalidades específicas, refletidas nas diversas escolhas utilizadas na produção daquele texto, seja em relação ao gênero, ao léxico, ao tema, etc. Ou seja, a escolha por determinado gênero, palavra, tipo textual e não por outro (a), faz parte de um processo cuidadoso e intencional por parte do autor, visando atingir um determinado objetivo e não outro, relacionado ao sentido que quer transmitir com a sua produção textual.

Na linguagem midiática isso é muito frequente, pois o autor desses textos precisa atingir objetivos específicos: no gênero propaganda, a intenção é vender; na notícia, a intenção é transmitir um fato “imparcialmente”, nas reportagens, deseja-se retratar alguém ou algo a partir das estratégias construídas pelo repórter. Por isso, torna-se indispensável a noção de gênero textual na construção de sentido de um texto, pois a partir daí o leitor captará com maior facilidade, com quais intenções aquele texto foi escrito. Pois como afirma FRANÇA apud PEDROSA (2008, p.15):

Estudar os gêneros textuais constitui-se num dos mais relevantes trabalhos de investigação da contemporaneidade, momento em que as indústrias culturais ampliam-se significativamente e em que diferentes mídias constroem seus textos carregados de pressupostos ideológicos e com características cada vez mais específicas.

O papel do leitor é, pois, desvendar essa gama de pressupostos e significados implícitos em cada discurso. A linguagem midiática, independente de ser ela publicitária ou jornalística, transmite ideologias e até mesmo formas de poder e dominação social. Já que, até mesmo, na mera transmissão de notícias ou reportagens, tem-se a visão do autor, seu ponto de vista sobre determinado fato, pois nenhum texto é totalmente neutro.

O que ocorre muitas vezes é que o autor/editor das notícias ou reportagens vai além da mera transmissão dos fatos, e faz a leitura daquele acontecimento para o leitor, sem deixar que esse tire suas próprias conclusões. O discurso, assim, é veiculado de acordo com a interpretação de uma pessoa ou empresa e muitas vezes, aceito pela maioria das pessoas que nem chegam a perceber tal interferência.

Nenhum ser humano é neutro, pois todos carregam ideologias e estas ideologias dependem de fatores sociais, culturais, históricos e na atualidade elas estão sendo manipuladas através de mecanismos como a mídia, por aqueles que detêm o poder para tal. Com essa compreensão da construção da realidade e das noções de texto, gênero e intertextualidade, partiremos para a análise de diferentes notícias veiculadas tanto por meio impresso quanto online.

## **UM OLHAR MAIS ATENTO EM RELAÇÃO ÀS NOTÍCIAS**

Destacamos alguns exemplos de reportagens de três revistas de renome nacional: Veja (Editora Abril), Época (Editora Globo) e Istoé (Editora Três), para exemplificar as estratégias discursivas utilizadas por cada editor no tratamento da notícia.

Iniciamos pela abordagem dada ao acidente de avião que matou vários líderes da Polônia, ocorrido no dia 10 de Abril de 2010. Em reportagem da Veja, destacamos o seguinte fragmento:

Em questão de minutos, a Polônia, ainda na infância de sua democracia após um sofrido passado de rebeliões, invasões e décadas de regime comunista, se viu quase desgovernada. Num mesmo acidente de avião em Smolensk, na Rússia, morreram presidente Lech Kaczyński (e a mulher dele, Maria), dezoito deputados e senadores, as cúpulas militar, religiosa e jurídica do país, o presidente do Banco Central— todas as 96 pessoas a bordo, integrantes da comitiva presidencial que iria participar de uma cerimônia em homenagem, **justamente**, aos poloneses massacrados por russos na vizinha floresta de Katyn, durante a II Guerra. ‘**É um local amaldiçoado. Ele me dá calafrios na espinha.**’, comentou Aleksander Kwasniewski, ex-presidente da Polônia, dando voz à impressão predominante no país (Veja, 21 de abril de 2010, p.49).

Percebe-se, neste fragmento, que apesar de se tratar de uma notícia, um fato, há marcas bastante nítidas da intenção de provocar fortes reações no leitor através do relato do trágico acontecimento. Primeiramente, o jornalista consegue dar um tom mais enfático e melancólico à notícia com o uso de uma metáfora “Infância de sua democracia”. E com o uso da palavra “justamente” ele consegue reforçar a ideia de que novamente eram os poloneses que estavam sofrendo.

Passemos agora, a analisar o fragmento de uma notícia sobre o mesmo acontecimento, só que agora na revista Istoé, para vermos como o assunto foi tratado e, em seguida, poderemos fazer um comparativo entre ambas e assim notar em que se assemelham e em que diferem. Em Istoé, 21 de abril de 2010, p.106, temos:

Repleta de pinheiros, a floresta de Katyn, a 20 quilômetros da cidade russa de Smolensk, é palco de duas tragédias que chocaram a Polônia. Em 1940, cerca de 20 mil poloneses, incluindo toda a elite militar do país, foram exterminados na floresta, a maioria com um tiro na nuca. Setenta anos depois, um avião Tupolev- 154 da Presidência da Polônia se espatifou nas imediações da floresta com 97 personalidades que prestariam uma homenagem às vítimas do massacre de 1940. (...) Antecessor de Kaczyński na Presidência, Aleksander Kwasniewski não mediu palavras quando soube do acidente: ‘**Aquele é um lugar maldito. Ele me provoca arrepios na espinha.**’

Aqui, nota-se que o autor da reportagem a inicia com um tom descritivo, descrevendo o local das tragédias e o modo como os poloneses foram exterminados. A reportagem, assim, situa o leitor no local dos acontecimentos, no tempo e no modo como as duas tragédias aconteceram, também apelando para a emoção.

Fazendo um comparativo entre as notícias, temos algumas informações desconhecidas como, por exemplo, o número de vítimas que, em uma das revistas é de 96 e em outra de 97 passageiros, e também em relação ao nome do presidente, para o qual temos uma versão em cada revista “Kacyznski” e “Kaczynski, o que pode ter sido um mero erro de digitação ou falta da informação correta.

Outro aspecto importante a ser ressaltado é o fato de as duas notícias transcreverem um depoimento de Aleksander Kwasniewski, com certas diferenças, o que nos faz perceber que mesmo uma citação feita entre aspas, entendida como transcrita literalmente, pode sofrer interferência por parte do editor da notícia. Transcrevemos os trechos a seguir:

**“É um local amaldiçoado. Ele me dá calafrios na espinha.”** (Veja)

**“Aquele é um lugar maldito. Ele me provoca arrepios na espinha.”** (Istoé)

A ideia contida nos dois enunciados é basicamente a mesma, porém devido às mudanças de palavras entre uma e outra, depreende-se que um dos editores (ou os dois) tentou organizar melhor a frase para a publicação.

O pronome demonstrativo “aquele”, por exemplo, no lugar de “é”, situa o local das tragédias para longe do enunciador. Já a expressão “local amaldiçoado”, parece ser mais “suave” que “lugar maldito”; a troca de “dá” por “provoca” confere mais elegância ao texto; por fim as palavras “calafrios” e “arrepios” são quase equivalentes e resultam da opção de escolha tanto do falante, quanto do editor.

Na reportagem de Veja, ainda é possível notar a visão de editor sobre a frase comentada acima, pois ele faz um comentário sobre ela, que na verdade, faz parte da sua visão de mundo e constitui-se numa leitura antecipada que este faz para o leitor, expondo suas ideologias e percepções.

Outros exemplos em que podemos perceber a diferença no tratamento dado às mesmas notícias estão em destaque abaixo: o caso de duas reportagens sobre o uso do photoshop nas fotos da cantora pop Britney Spears. Em matéria da Veja, destacamos a reportagem abaixo transcrita, sob o título “Agora, sem retoque”:

Depois que todo mundo comentou a impossibilidade de a Britney Spears do anúncio da marca de roupas Candie’s vendida na loja de departamentos Kohl’s, ser a Britney Spears de verdade, a própria deu a mão- e o resto- a

palmatória: tem Photoshop no produto final. Para provar, deixou divulgar a foto original, na qual a cintura é mais larga, a perna é mais grossa em cima e embaixo e até a pele do pé tem uma descamação. Tudo, segundo o tablóide Daily Mail, beneficiário do gesto altruísta, **'para chamar atenção para a pressão sobre as mulheres para que pareçam perfeitas'**. Em vez de aplaudir, houve quem chamasse atenção para outra coisa: a iluminação na foto sem retoque, muito favorável à modelo. Pode? (Veja, 2010, p. 94).

Diferente dos exemplos anteriores, esta é uma reportagem sobre celebridades, em que geralmente o editor da notícia interfere dando a sua opinião a respeito da reportagem, fazendo uso da função expressiva da linguagem. Isso pode ser percebido no diálogo que o próprio estabelece com o leitor através da palavra "Pode?", manifestando assim sua posição contra aqueles que falaram da iluminação da foto e induzindo o leitor a concordar com ele.

A reportagem estabelece uma proximidade com o leitor como se fosse uma conversa "depois que todo mundo comentou...". Vale a pena se perguntar se esse "todo mundo" foram as pessoas que viram as fotos ou os próprios jornalistas que adoram estigmatizar e taxar os famosos com o intuito de vender mais revistas. Passemos a analisar a reportagem exibida pela revista Época, que tem como título: "Britney não ficou tão mal na foto":

Eis uma notícia edificante sobre Britney Spears: aos 28 anos, a rainha dos vexames e dos paparazzi resolveu, por iniciativa própria, mostrar as imperfeições de seu cobiçado corpinho. Ela autorizou a divulgação das fotos sem tratamento que fez para campanha de uma grife de moda americana. O.K., as gordurinhas em excesso, a deselegância do derriere e a profusão de humanas celulites berram na comparação com as imagens retocadas. Mas não constituem um escândalo estético. Já se viu muita coisa pior por aí. Não se sabe se o gesto teve por objetivo **expor a pressão que as mulheres sofrem para ser perfeitas** (como disse a cantora) ou se foi mais uma jogada para tentar melhorar a imagem da estrela com uma falha que todos já conheciam. De qualquer forma, as mulheres reais agradecem (Época, 2010, p. 130).

É importante ressaltar que as duas revistas publicaram fotos da cantora com e sem photoshop, o que não as impediu de ressaltar as formas da mesma. A matéria da revista Veja é a mais sucinta, descrevendo sem ofender, já a da revista Época faz questão de usar expressões como "gordurinhas em excesso, a deselegância do derriere e a profusão de humanas celulites berram...".

Outro aspecto importante a ser destacado é o marketing que a revista Veja faz da marca do anúncio feito por Britney "... marca Candies, vendida na loja de

departamentos Kohl's". Enquanto que na *Época*, a mesma é mencionada como "gripe de moda americana".

A reportagem da *Época* traz um tom ofensivo e irônico em relação à cantora. Durante toda a matéria é possível notar um "quê" de crítica às ações da cantora, já que, logo de início, fala de "uma notícia edificante sobre a cantora", induzindo à interpretação de que não há notícias assim sobre ela, e faz questão de lembrar os "vexames" e "falhas" da mesma. Até mesmo, no final, em que o editor parece "aplaudir" a "iniciativa" de Britney, a expressão "mulheres reais" se parece mais com uma crítica, em oposição à cantora.

As duas reportagens distinguem-se, não só pelo aspecto mais ou menos agressivo, ou mais ou menos publicitário, mas também em relação à declaração feita por Britney em que aparecem certas diferenças que resultam em diferentes efeitos de sentido:

**"para chamar atenção para a pressão sobre as mulheres para que pareçam perfeitas". (Veja)**

**"expor a pressão que a mulheres sofrem para ser perfeitas". (*Época*)**

A 1ª declaração indica que a pressão sofrida pelas mulheres é um fato e as fotos chamam a atenção para isso, já que mesmo sem "ser" elas precisam "parecer perfeitas", mostrando que a perfeição é um estado de aparência, não de realidade.

A 2ª declaração mostra que as fotos expõem a pressão existente para as mulheres "serem perfeitas", indicando assim que se pode chegar à perfeição e as mulheres são pressionadas para isso. Como vimos, a troca de simples palavras ou expressões como a de "chamar atenção" por "expor" e de "parece" por "ser", podem comprometer e modificar o sentido das frases.

A maioria dessas mudanças ocorre na hora da edição, não se sabe com quais objetivos, nem qual das declarações é realmente a transcrição do que foi dito, nem se alguma das duas é a real; porém, sabe-se que o editor ou empresa tem o poder para tais interferências. Sendo assim, é imprescindível ao leitor a leitura crítica e consciente de qualquer texto, notícia, propaganda ou reportagem. Como afirma Pedrosa (2008, p.91):

O leitor do gênero frase está sujeito às informações recebidas dos editores. Ele recebe falas e (re)contextos de acordo com a visão de mundo desses editores...Assim, os leitores poderão receber informações ou interpretações dessemelhantes do mesmo evento comunicativo, a depender do suporte em que foi fixado o texto.

Por fim, analisaremos mais uma declaração que foi muito comentada e citada em várias revistas, feita pelo cardeal Tarcisio Bertone em que ele associa homossexualidade à pedofilia: Abaixo transcrevemos um trecho da reportagem publicado na revista Época, que contém a declaração feita pelo cardeal:

O escorregão de Bertone, número dois da Santa sé, ocorreu durante uma visita oficial no Chile. **‘Muitos psicólogos e psiquiatras demonstraram que não há relação entre celibato e pedofilia, mas muitos outros demonstraram que há entre homossexualidade e pedofilia’**, afirmou. A frase foi recebida com espanto pela comunidade internacional. As críticas começaram pelos ativistas dos direitos dos homossexuais no Chile. Rolando Jimenez, presidente do Movimento para Integração e Libertação Homossexual, afirmou que a declaração de Bertone representava uma estratégia do Vaticano ‘para fugir a suas próprias responsabilidades éticas e legais’ por meio de uma ‘ligação falsa e repugnante (Época, 2010, p.110).

O conteúdo da reportagem fazia referência aos recentes escândalos sobre padres pedófilos e à declaração polêmica feita pelo cardeal, que gerou muitas críticas e que foi classificada pela matéria como um “escorregão”.

A abordagem dada ao fato mostra as críticas recebidas pela Igreja, feitas pelos que defendem o direito dos homossexuais. Para comprovar que Bertone “escorregou”, o redator da matéria prefere confrontar os depoimentos de um e outro lado da questão.

Assim, ele consegue dar à reportagem um aspecto mais impessoal, utilizando as declarações feitas ao longo da matéria como argumentos contra a afirmação de Bertone, que segundo a própria matéria deseja “fugir a suas próprias responsabilidades”.

Em Veja, a mesma declaração é publicada, mas não como reportagem e sim na seção de frases “Veja Essa”, onde são encontradas declarações de pessoas famosas, com comentários relacionados às frases:

“Muitos psicólogos e psiquiatras demonstraram que não há relação entre celibato e pedofilia, mas muitos outros me disseram recentemente que há relação entre homossexualidade e pedofilia.” **Cardeal Tarcisio Bertone, secretário de estado do Vaticano, desviando um pouco o foco da questão.**

Aqui percebemos que o destaque foi dado somente à frase mencionada. A referência ao contexto da situação vem através do comentário do editor da notícia “desviando um pouco o foco da questão”, questão essa que seria os escândalos sobre os padres acusados de pedofilia.

Na matéria da revista *Época*, a posição de que a declaração do cardeal era uma fuga da questão principal “pedofilia entre padres” para uma nova questão “homossexualidade e pedofilia” é sustentada por declarações de outras pessoas que mostraram ser esta uma declaração preconceituosa.

Diferente da matéria anterior, em “Veja”, é o próprio editor quem antecipa essa leitura para o leitor, através de suas próprias impressões sobre o fato, ele o comenta induzindo o leitor a concordar com sua própria impressão.

Encontramos na revista *Istoé* um trecho da mesma frase, também publicada numa seção de frases ditas por pessoas famosas e intitulada “Semana”, que transcrevemos abaixo:

“Há relação entre homossexualidade e pedofilia. Essa patologia aparece em todos os tipos de pessoas e nos padres em um grau menor”. **Tarcisio Bertone, cardeal e secretário de Estado do Vaticano.**

Nesse caso, podemos perceber que o editor não faz nenhum comentário; apenas cita o nome e a função do locutor da frase. No entanto, o próprio “recorte” da frase, já é suficiente para induzir a uma interpretação diferente das demais. Vejamos agora mais detalhadamente cada uma das frases:

- (1) “Muitos psicólogos e psiquiatras demonstraram que não há relação entre celibato e pedofilia, mas muitos outros demonstraram que há entre homossexualidade e pedofilia”. (*Época*)
- (2) “Muitos psicólogos e psiquiatras demonstraram que não há relação entre celibato e pedofilia, mas muitos outros me disseram recentemente que há relação entre homossexualidade e pedofilia”. (*Veja*)
- (3) “Há relação entre homossexualidade e pedofilia...” (*Istoé*)

A primeira diferença a ser observada é que na frase 1, através da palavra “demonstraram”, a frase ganha um aspecto científico, já que o cardeal toma como

referência psicólogos e psiquiatras para dar embasamento ao que foi dito. E isso é percebido em toda a entrevista, já que vários depoimentos são confrontados na matéria. Tem-se, portanto, aqui, um posicionamento mais impessoal.

Já na frase 2, a expressão: “ me disseram recentemente” dá um tom mais íntimo à fala, assim não há aparentemente a mesma credibilidade transmitida pela frase 1. Na frase 1, tem-se a impressão de que aquele é o pensamento demonstrado por vários psicólogos e psiquiatras, enquanto na frase 2, tem-se a impressão de que aquelas informações foram obtidas através de uma conversa informal. Portanto, através da frase 1, o pensamento é transmitido com mais seriedade.

Na frase 3, não temos “interferência” do editor, nem alteração na frase. No entanto, o próprio corte que há nela, já pode conduzir a uma interpretação tendenciosa, pois ela é muito mais “chamativa” que as outras. Ao contrário das outras em que é possível ao leitor ver que o cardeal transfere a autoria de suas declarações para “psicólogos e psiquiatras”, a frase 3 contém uma afirmação, ignorando a explicação que o locutor havia feito anteriormente, portanto causando um efeito muito mais polêmico em relação às anteriores. Pedrosa (2008, p. 81) afirma que:

Quando, aparentemente, o editor recorta a fala de forma positiva, no (re) contexto, ele consegue filtrar as informações, interpretando ou ressaltando alguns fatos de maneira que atendam a sua intencionalidade. Essa relação assimétrica destaca a voz do editor como aquela que fará a leitura de mundo para o leitor. A voz do locutor aparece como ferramenta nas mãos do editor que a utiliza entre aspas para dar a entender ao leitor que o locutor é responsável pelo que está ‘transcrito’.

Assim, podemos perceber que, de diferentes maneiras, a mesma frase consegue exprimir muito mais coisas além daquilo que realmente foi dito, tudo depende tanto do acréscimo quanto da supressão de elementos no texto. Cada revista expressa o conteúdo de acordo com suas ideologias e, quanto ao leitor, “é ele refém da leitura do editor, quem lhe proporciona o único acesso ao evento comunicativo” (Pedrosa, 2008, p.164), fato que merece atenção da escola, no sentido de formar cidadãos críticos e reflexivos, que não se deixarão ‘enganar’ facilmente pela mídia.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Buscou-se mostrar neste estudo que, através de uma análise cuidadosa e crítica, podemos perceber as diversas interferências que os autores intencionalmente imprimem às notícias e seus diversos olhares sobre uma mesma questão, que resultam em abordagens diferentes sobre o mesmo acontecimento.

Entendendo que nós temos nossas compreensões de mundo e ideologias peculiares, e que o discurso é o local onde as expomos, é preciso perceber que mesmo as notícias sobre determinado fato ou acontecimento ou mesmo as declarações veiculadas entre aspas como se fossem literais, sofrerão interferências por parte do transmissor ou editor das reportagens. Daí a importância de lermos com olhares atentos, questionadores, cientes de que o discurso, no caso o jornalístico, está carregado das impressões e reflexões de quem o editou.

Podemos concluir, portanto, que a mídia encontra-se intimamente ligada à cultura de nosso tempo e a escola deve ser o lugar onde o aluno possa aprender a ser crítico, relacionando conhecimentos às experiências cotidianas. Nesse sentido, é imprescindível trabalhar a linguagem midiática com o aluno, objetivando a formação de um leitor crítico que possa compreender as estratégias utilizadas na construção dos efeitos de cada texto, refletindo sobre elas, construindo nossos próprios sentidos, agindo como coautores das notícias, o que é algo que nasce de uma leitura genuinamente reflexiva.

## **SOBRE AS AUTORAS**

Diana Ingrid Porto Fontes, Dominice Santos Souza e Juliana da Costa Santos são graduandas em Letras Português (2010/1), pela Universidade Tiradentes. O presente artigo é resultado do trabalho de conclusão de curso - TCC, sob orientação da professora Maria Amália Façanha Berger. Mestre em Educação (UFS) e Licenciada em Letras Português/Inglês (UFS). E-mails: [diana-ingrid@hotmail.com](mailto:diana-ingrid@hotmail.com), [dominiceajuler@yahoo.com.br](mailto:dominiceajuler@yahoo.com.br), [juli01.costa@yahoo.com.br](mailto:juli01.costa@yahoo.com.br).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BRITNEY não ficou tão mal na foto. *Época*, São Paulo, n. 622, p.130, 19 abr. 2010.
- BRITO, Eliana Viana (org.). PCNs de Língua Portuguesa: a prática em sala de aula. 2ª Ed. São Paulo: Editora Arte e Ciência, 2003.
- BYDLOWSKI, Lizia. Agora, sem retoque. *Veja*, São Paulo, v. 43, n.16, p. 94, 21 abr., 2010.
- BYDLOWSKI, Lizia. A ordem na tragédia. *Veja*, São Paulo, v. 43, n.16, p. 49, 21 abr., 2010.
- CANÇADO, Marcia. Manual da semântica: noções básicas e exercícios. 2ª Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- CARNEIRO, Luciana A. Rodrigues. A Tecnologia como um elemento de estímulo à leitura. *Net*, Bauru, 2008. Seção Educação e Tecnologia. Disponível em: <<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/coluna.asp?coluna=28>>. Acesso em: 19 abr. 2010.
- GRINSPUN, Mirian P. S. Zippin (org.) Educação Tecnológica: desafios e perspectivas. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. Ler e Compreender: os sentidos do texto. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- LIMA, José Antônio. O novo problema do Vaticano. *Época*, São Paulo, n. 622, p. 110-112, 19 abr. 2010.
- MARCUSCHI, Luiz A. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. 3ª Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. Análise de Textos de Comunicação. 4ª Ed. São Paulo: Editora Cortez, 2005.
- MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T; BEHRENS, Marilda Aparecida. Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica. 10ª Ed. Campinas: Papirus, 2006.
- OROFINO, Maria Isabel. Mídias e Mediação Escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade. São Paulo: Editora Cortez, 2005.
- PEDROSA, Cleide Emília Faye. Análise Crítica do Discurso: do lingüístico ao social no gênero midiático. Aracaju: Editora UFS, 2008.
- RUBIM, Antônio Albino C; BENTZ, Ione Maria G; PINTO, Milton José (org.). Produção e Recepção dos Sentidos Midiáticos. 2ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- SANCHO, Juana Maria. Tecnologias para transformar a educação. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SEMANA. Istoé, São Paulo, v.34, n. 2110, p. 29, 21 abr, 2010.

VELASCO, Renato. Veja Essa. Veja, São Paulo, v. 43, n.16, p. 60, 21 abr., 2010.

VESTERGAARD, Torben e SCHRODER, Kim. A Linguagem da Propaganda. 2ª Ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1994.

VILLAMÉA, Luiza. A maldição de Katin. **Net**, São Paulo, abr, 2010. Seção Mundo. Disponível em: [<http://www.istoe.com.br/reportagens/66052A+MALDICA0+DE+KATYN.>](http://www.istoe.com.br/reportagens/66052A+MALDICA0+DE+KATYN.>). Acesso em: 25 abr. 2010.